

JORNAL DAS SENHORAS.

JORNAL DA BOA COMPANHIA.

Modas, Litteratura, Bellas-Artes e Theatros.

O programma e condições deste jornal encontram-se na ultima pagina da capa.

CHRONICA DOS SALÕES.



E passado, leitoras, uma semana, tão longa como todas as outras, e do mesmo modo tão variada como ellas nas differentes occorrencias que tiverão lugar durante os seus sete dias. Não é novo para vós que o tempo é invariavel, mas que a successão das suas divisões dá lugar a mil variedades de factos, semelhantes ou oppostos, que fazem reverter sobre elle a natureza das occorrencias, para que digamos que — o tempo é bom —, o tempo é máo —, o tempo mudou —, já se foi o bom tempo, etc. — Pois não seria mais acertado dizer-se *acontecimento*, em vez de *tempo*?! Que parte tem elle no que se faz por este mundo?! Injustiça dos homens!... (e das senhoras também, que por ellas muita coisa acontece, embora pelo espirito de nosso sexo deva eu ajudal-as a negal-o).

Mas o mundo é assim mesmo; e ninguém deve pretender endireital-o para não passar por louco, como passa muito velho jarreta que pretende denominar um baile, uma exposição immoral de moças; (isto ouvi eu ha dias!) que entende que não ha moço que não seja um seductor, um perverso (como se lembra elle do que foi!) e que suas filhas nunca irão a reunião alguma onde os homens possam andar, conversar e confundir-se com as senhoras, (ellas que lhe agradeção o conceito!)

Estas celebres opiniões, podem bem classifi-

car-se de anti-deluyianas, pois que é tão grande a differença que vai desses velustos costumes speciaes para os de hoje, que só a distancia de muitos séculos poderia estabelecê-la.

Como, porém, estamos no seculo dezenove, e vos tenho semanalmente dado conta das novidades havidas nas sociedades modernas, continuarei hoje a minha tarefa, noticiando-vos que no sabbado passado teve lugar a partida mensal da sociedade *Sylphide*, cuja reunião foi brilhante, e o serviço excellente e abundante. Ouvimos dizer a algum que lá estive, que foi notado grande numero de *toilettes* de delicado gosto, bem como interessantes olhos fascinadores, que arrastavão após elles bom numero de adoradores, quaes astrós, que se fazem seguir em suas orbitas por bom numero de satellites.

No domingo, foi muito concorrido o Passeio Publico. A' uma tarde encantadora, seguiu uma bella noite, durante a qual, esteve a varanda e alameda principal cheia de innumeraveis senhoras e cavalheiros, que se entretinhão em ouvir a execução de escolhidas peças de musica que erão executadas por uma das bandas militares, ou em passar e conversar alegremente. Ali combinarão, talvez, muitas das nossas elegantes, o gosto com que devião apresentar-se na noite seguinte no baile do *Cassino Fluminense*, que pela ultima vez teve lugar na sua antiga

casa. Comquanto Suas Magestades não honrassem esta reunião, em consequencia de haver a corte tomado lucto nesse mesmo dia, foi todavia concorrida e brilhante esta reunião, cujo luxo e riqueza a tem constituído uma reunião completamente aristocratica.

Nessa mesma noite representou-se no theatro lyrico fluminense, a opera — *Somnambula* —, na qual obtiverão a Sra. Charton e o Sr. Dufrene, bem merecidos applausos.

Na noite de quarta-feira, repetiu-se no theatro Gymnasio o espectáculo que se havia representado no domingo; e de tal modo são desempenhadas as partes pelos artistas, que o theatro tem sempre grande concurso de espectadores, que o applaudem entusiasticamente.

Tambem foi muito concorrida nessa noite, a partida do *Club Fluminense*, onde compareceu um innocente e lindo menino, de oito annos de idade, filho do bem conhecido Sr. Cavalier, o qual executou no piano uma aria veneziana com variações: e foi de tal modo applaudido, que foi instado a repetir a mesma execução, logo que suas tenras e pequeninas mãos estiverão descaçadas da primeira execução. Neste menino se revela um grande genio musico, que começa a desenvolver-se. Pela justeza que guarda no compasso, se pôde fazer idéa da delicadeza do seu ouvido; na expressão que dá á sua execução, se revela o apurado gosto; e na prompti-

ção e acerto com que corre o teclado do piano, se conhece o muito estudo que tem feito, visto que ha um anno e meio apenas, que elle aprende. Será muito apreciavel que o joven pianista se faça ouvir outra vez no *Club Fluminense*, onde conquistou a geral sympathia, pois que é meigo e affavel.

Nã quinta-feira, representou-se no theatro lyrico a opera — *Semiramis* —, em beneficio da cantora a Sra. Rachel Agostini de Almeida, a qual cantou tambem uma aria e um duetto com a Sra. Zecchini.

O baile militar deve dar hoje (sabbado) a sua partida, da qual vos daremos noticia no proximo numero.

Está annunciada para a noite do dia 16 do corrente, o baile da sociedade *Vestal*, cujo brilhantismo é conhecido e avaliado pelo incansavel zelo do seu digno presidente e de toda a directoria.

Brevemente terá tambem logar o beneficio da bailarina a Sra. Guimard, a qual danará nessa noite com o corpo de baile, que tem trabalhado nestas ultimas representações.

Eis ali, leitoras, quanto vos podia em noticiar da semana finda, e do que vos deveis contentar até ao proximo domingo em que se vos apresentará novamente a vossa

Alina.

JARILLA.

PELA SRA. D. CAROLINA CORONADO.

(Continuado do n. 18.)

VI.

Paz! paz! paz!

... mas la infante
La betalla le ha quitado.
Llorando de sus ojos,
El cabello destrenzado.

ROMANCEIRO.

Um viva geral rebôa no acampamento, um viva a rainha de Aragão. D. Leonor vem trazer a paz aos combatentes. Era esta aquella heroica dama que assentou a sua tenda entre os dous exercitos inimigos, quando ao bater-se nos plainos de Ariza, e por cujo respeito cessarão em ambos os campos as começadas hostilidades. Aquella prudente dama, cuja presença impõe a todos os partidos o silencio, e inspira a mansidão aos animos mais acalorados.

D. Leonor é recebida no acampamento castelhano, como o anjo da consolação. Assim que os arautos annunciarão a sua chegada, os sitiadores cessão de avançar, e os sitiados suspendem seus tiros. Os castelhanos gritão, viva a rainha

de Aragão, e sobre os muros de Albuquerque os aragonezes repetem, viva a rainha de Aragão!

Este grito reproduz-se nas penhas, e ao ouvir-o o mestre de Santiago e D. Alvaro de Luna, suspendem o combate, e descobrindo-se, bradão tambem, viva a rainha de Aragão!

D. Leonor, seguida do conde de Benavente, volve ao sitio da luca e lança-se nos braços de seu filho.

D. Leonor roga então ao condestavel que torne para os arraiaes de D. João, e pede a seu filho hospitalidade em Albuquerque. A sua poderosa voz convence; obedecem. Depois a rainha de Aragão procura o rei castelhano, e obriga-o tambem com seus rogos a que levante o cerco, com a condição unica dos infantes cessarem em sua rebellião. A tudo accede D. João, e a rainha, fatigada, exanime, entra em Albuquerque, ouvindo por toda a parte aclamações de enthusiasmo. Oh! generosa, oh! magnanima esposa de rei, e mãe de reis! oh! que rico presente é o que Deus faz aos povos, quando lhes dá uma tão digna princeza! Eu calcára-te os pes, de joelhos, como a mais humilde de tua servas, a ti, rainha pela corôa, e rainha pela



Jules David

LE MONITEUR DE LA MODE

Paris, Rue de Richelieu, 9.



Les dépositaires de la France sont MM. Godefr. Simey, à Paris, et MM. Godefr. Simey, à Bruxelles. Les dépositaires de l'étranger sont MM. Godefr. Simey, à Londres, et MM. Godefr. Simey, à New York. Les dépositaires de la Belgique sont MM. Godefr. Simey, à Bruxelles, et MM. Godefr. Simey, à Paris.

virtude! Curvem em tua presença as soberanas a orgulhosa fronte.

No aposento do mestre de Santiago, sobre uma poltrona de gigante espaldar, forrado de couro, sentou-se D. Leonor, a desançar; não havia ainda, porém, repousado senão alguns instantes, quando se levantou sobresaltada. Cingiu a fronte com o manto, e ordenou aos que a servião, que a conduzissem ao lugar em que haviam collocado os feridos. Era uma vasta enfermaria muito escura, desarranjada e fria, aonde os moribundos jazião amontoados pelos cantos. Approximou-se a rainha com maternal sollicitude, e os fez collocar em cima dos leitos, segurando ella mesma a luz. Dous delles, porém, não davão signaes de vida. A um delles molliáráo-lhe o rosto, e moverão-n'o com força; viu-se que era já cadáver. Examinou-o D. Leonor, e observou que se lhe cravára um dardo no coração, tão profundamente, que não lhe havia deixado o menor alento; arrancáráo o dardo, e não deitou sangue. Orou D. Leonor, e apartou a vista do infeliz guerreiro. O outro, que parecia também morto, tinha a viseira calada, e a mão direita apertando o punho da espada partida. Era de gentil figura, e as pernas cruzadas sustinhão-se-lhe levantadas do chão, por effeito das rosetas dos brilhantes acicatos de ouro. Tiráráo-lhe o elmo... approximou D. Leonor a luz, e recuou atterrada. Naquelle semblante cada-verico e salpicado de sangue, acabava de reconhecer as feições de Roman. Tinha o peito passado com um dardo. Ai! talvez que ao arrancar-lh'o também não brotasse sangue! Se Jarilla o visse!

VII.

Continúa a vingança de uma portugueza.

! Ay málvados hombres
De ingratos costumbres.
Ay Dios! que buen caballero
Fué don Rodrigo de Lara.

ROMANCERO.

Jarilla... já me havia esquecido de que a deixei com o principe, vestida de branco, e coroadada de flores; que a deixei com o principe, discipulo de um máu frade!... Sabia D. Iñez quem tinha sido o primeiro director do principe? Sabia, quando para vingar-se de Jarilla, e querendo arrojal-a no abysmo da perdição, a vestiu de branco e corôou de flores, e a fez entrar no aposento do principe, por uma porta secreta.

Sentou-se o principe na cama ao vêr aquella appareição, e Jarilla acercou-se delle, dizendo com voz meiga:

— Roman!

A debil claridade que a alampada tombava sobre o rosto do principe, eclipsou-a ao approximar-se do leito. Jarilla, parou a pequena distancia, e estendeu os braços, esperando sem duvida que o donzel se levantasse e a seguisse; vendo, porém, que permanecia immovel, tornou:

— Roman! Roman!

D. Henrique lembrou-se então do conto das fadas e das phantasmas dos castellos, e benzeu-se; mas lembrou-se também das suas más inclinações, e estendeu os braços para a phantasma. D. Henrique julgava sem duvida, que, depois de benzer-se, não podia ella fazer-lhe danno algum.

Jarilla, vendo que elle lhe correspondia, trouxe-lhe da mão e colleo-o até ao meio do quarto. Então mirou-o espantada. Não era Roman! O principe pôde observá-a mais miudamente, e perdeu todo o medo, se porventura algum experimentára. S. A. não temia senão as phantasmas feias. Tão valoroso era, que teve animo para abraçar; Jarilla, porém, começou de bradar: Roman! Roman!

E desembaraçou-se do principe, e foi esconder-se a tremor, n'um canto do aposento. O principe ajoelhou a seus pés, e lingiu que chorava.

— Choras, menino, disse Jarilla, choras porque não fiz caso de ti? E' que cuidei que querias prender-me, e eu estou á espera de Roman para ir com elle para a gruta.

— Chama-me menino! murmurou S. A. com um sorriso sardonico.

— Aonde está Roman? proseguiu Jarilla, olhando inquieto para todos os lados. Não veio contigo? Aonde está?

— Disse-me que o esperes aqui, redarguiu o principe, que começava a comprehender alguma cousa.

Os olhos de Jarilla radiáráo de alegria, sahio lá do seu canto, approximando-se sem recio de D. Henrique. Este fez que se arredava, e depois sentou-se, cruzando os braços e cerrando os olhos.

— Dorme, disse Jarilla, que eu esperarei Roman.

D. Henrique entreabriu os olhos, e quiz persuadir Jarilla a que se deitasse no leito; esta, porém, por um instincto de pudor, não quiz deitar-se, e encrusou-se no chão, ao modo de seu pai.

— Menino! repetiu entre dentes, D. Henrique: é verdade, accrescentou, sorrindo com o mesmo perfido sorriso, que ainda não fiz quatorze annos.

Fez-se largo silencio; a final, o principe levantou-se e bateu na alampada, que se apagou, ficando tudo ás escuras.

— Roman! Roman! Roman! gritou Jarilla. Seu bradar rebou no quarto de D. Iñez, que era o mais proximo; D. Iñez, porém, tinha o somno mui pesado.

— Roman! continuava de bradar Jarilla: eis que a porta da sala immediatamente girou sobre os gonzos, e o marquez de Santilhana, com um castiçal na mão, penetrou no aposento do principe.

— Marquez! exclamou o principe cego de colera. Creio que te disse, que não tinha necessidade de camarista por esta noite?

— Senhor, replicou o marquez retirando-se, ouvi gritos, entendi que devia acudir.

Mas Santilhana não viu Jarilla; ella que es

voaçava pelo quarto como um passarinho atordado, tão depressa se abriu a porta, fugiu para os aposentos immediatos.

O marquez não insistiu em averiguar a causa daquelles clamores, e disputou-se a sahir; o principe porém, vendo que Jarilla conseguira escapar-se, disse para o Santilhana:

— Espera ahí enquanto eu me deito, e depois accende-me a alampada; foi talvez algum moscardo que a apagou.

Obedeceu o marquez, retirando-se quando já o principe estava dentro da cama.

Santilhana estava escrevendo a canção á vaqueira de Finojosa, quando o haviam interrompido os gritos de Jarilla, e sentou-se agora para a continuar, collocando o castiçal em cima da mesa.

Não crep las rosas
De la primavera
Sean tan hermosas...

Um ligeiro ruído, como o esvoaçar de um passaro, como o sacudir de uma arvore, lhe fez levantar a cabeça; nada vendo, comtudo, continuou a escrever:

Nin de tal manera

Porém outro ruído, como o de um ratiuho á revolver os pergaminhos que tinha a um canto, tornou a distrahi-lo.

Por tres vezes lhe haviam espavorido a consoante, e isto é uma grande mortificação para os poetas florejantes. Achou-a por fim, e escreveu os seus versos terminando com o estribilho:

Ca nunca creyera
Que fosse vaquera
De la Finojosa.

Erão horas já de descansar. O poeta havia consagrado á vaqueira toda a noite. A sua imaginação, exaltada pela illusão de uma mulher, que tinha visto na ribeira ao pé de uma vacca, transportou-o aos felizes tempos em que haviam zagaes e zagalas de alta estofa. Adornou a vaqueira com todos os encantos da mentira, e não só conseguiu poetisal-a, senão convertel-a em uma realidade; porque a amou como se com effeito não fosse criação sua.

Preoccupado com esta bellissima paixão, guardou o Santilhana os seus papeis, e começou a

desabotoar o corpeto, e a tirar a gorgeira para se deitar. Então ouviu distinctamente por detrás do seu leito, e no canto onde tinha os pergaminhos, um rumor como de alguma pessoa que se movesse. Correu as cortinas, e viu uma figura branca que podia ser vaqueira de Finojosa, se as vaqueiras costumassem usar vestidos braucos, e cabellos penteados. Santilhana, com a maior delicadeza, abotoou novamente o corpeto, e dirigiu-se para Jarilla, que, atterrada, correu para a porta gritando outra vez:

— Roman! Roman!

Jarilla havia soffrido tanto, estava tão desfallecida, que ao roçar pela porta feriu-se na testa, e cahiu sem sentidos. O marquez tomou-a respeitosa e nos braços, sentou-a n'uma poltrona, banhou-lhe com agua o rosto, e affastou-se alguns passos della quando a viu tornar a si. Tranquillizada Jarilla pelo porte do cavalheiro, não tentou fugir, e perguntou:

— Aonde está Roman?

— Donzella, ignoro quem seja Roman, e não sei onde está.

Jarilla desatou a chorar, e accrescentou soluçando:

— Roman foi-se outra vez embora!

— Diga-me donzella, em que posso obsequial-a, acudiu o poeta enternecido. Ella, porém, continuou a chorar.

Depois levantou-se a custo, e dirigiu-se á porta. O marquez pegou no castiçal, correu o fecho, e seguiu-a como um pagem, atravez das galerias. Houve que subir uma pequena escada; o Santilhana offereceu-lhe a mão com toda a etiqueta. Jarilla accetou-l'ha com abandono, e assim chegou ao seu aposento. A porta estava meia aberta, e via-se que estava luz lá dentro. O marquez cortejou Jarilla, e tratava de retirar-se; mas D. Ignez appareceu ao limiar da porta do quarto de Jarilla, e disse para o marquez:

— Entrai, D. Inigo. Esta douzella foi recommendada á minha pessoa, e, como cavalheiro, tendes o dever de reparar a sua honra. Vim ao seu aposento por altas horas da noite, e vejo que estava em vossa companhia. A ordem de cavallaria que professaes, ordena-vos que deis a mão de esposo a esta donzella.

Jarilla não entendeu palavra, e o poeta ficou estupefacto.

(Continúa).



POESIA.

O RETRATO DE UMA CANDIDA.

Anjo és tú, não és mulher.

GARRETT.

Vejamos se é possível
Minha promessa cumprir,
Que por feliz me darei
Se della bem me sahir;
E juro por uma *Hebe*
Nunca mais n'outra cahir.

Que foi o encargo penoso
Infelizmente eu bem sei;
Mas que quereis s'ao tomal-o
Nem ao menos bem pensei?
Só tive em vista agradecer-vos,
E foi só do que cuidei.

É um retrato; pois bem.
Vamos nelle começar,
Na escolha da posição
Pouco vos deve importar,
Pois hade, qualquer que seja,
Sempre por bella primar:

— O vosso formoso rosto
É um divino composto,
Que os mais puros traços tem,
E do corpo o esbelto talhe
Não tem fórma que esta falhe
Para a perfeição também.

Ornão lustrosos cabellos
Da cor dos escuros zelos
A vossa fronte alterosa,

Logo abaixo brilhão bellas
Duas vivaces estrellas,
Lançando luz radiosa.

Das faces a rosea cor
Se fealça co' o primor
Desses labios nacarados,
Onde brincão feiticeiros,
Alegres, meigos, ligeiros,
Os risos enamorados.

Se soltaes as ternas fallas,
Que extasia ao escutal-as
Aos humanos docemente,
Deixais ver perlas nimosas,
Mais nitentes, primorosas,
Que as gabadas do Oriente.

O collo é mui garboso,
E o trage cobre cioso
Primores de alta valia;
A cintura é d'licada,
E flexivel e engraçada
Quando o corpo se movia.

A nivea mão pequenina
Afasta vestido leve,
Deixando ver um pé breve
Que calça justa botina....
E de um modelo tão lindo
Dou o retrato por findo.

Rio. Fevereiro de 1855.

Benvenuto Cellini.

UM SUICIDIO POR AMOR.

(Continuado do n.º 18.)

VI.

Deixamos a imaginar o estado de Frederico, depois de sua desdita. Vendo repellido um argumento, que sempre lhe parecera irresistivel, mordida os bigodes, e rasgava furioso as luvás. Não sabia mais que partido tomasse.

Mas se por uma parte o seu capricho d'ou-

tr'ora, chegado hoje ao paroxismo da paixão, não lhe deixava encarar senão com terror desesperado, a necessidade em que se achava de renunciar Leocadia; por outra, a tenacidade de Picardo, que enchia a sua cabeça de habitante do franco-condado, não o deixou dar-se por vencido. Elle queria a todo o preço chegar aos seus fins, e por isso passou tres dias e tres noites

sem sahir do seu quarto, occupado, como estava; em inventar os projectos os mais inadmissiveis, e as acções as mais impraticaveis.

Ao fim de tres dias, vendo que elle interrogava em vão os rosaes do seu tapete, e as guardiões do tecto, resolveu ir procurar inspirações ao ar livre.

Em consequencia disso, mandou tirar a sua arma, fez emparelhar os cães, montou a cavallo e partiu para a caça.

Não estava ainda meia legua distante da cidade, indo no passo natural do seu cavallo, com o olhar pensativo e a cabeça baixa, quando de repente se levantou sobre o selim, virou-se para traz e voltou a galope. As idéas são como as mulheres; fazem algumas vezes negações, e chegam-se quando começamos a desesperar.

Sahindo de sua abstracção, Frederico voltou para a cidade no galope do seu cavallo. — Apeou-se á porta da casa de um seu amigo, que havia obtido o premio de poesia no ultimo concurso da Academia de Besauçon, fez conduzir o seu cavallo, e tocou a campainha com toda a força.

Chegando juncto do amigo, segurou-lhe as mãos, olhou para elle com firmeza, e disse-lhe de um modo impossivel de descrever:

— Meu caro Edmundo, tracta-se de salvar-me a vida.

— Oh! disse o outro, atonito por esta dramatica introducção.

— Nem mais, nem menos. Tu fazes versos?

— Eu.... algumas vezes.

— Preciso para amanhã, pela manhã, de uns trinta, dos melhores que possas escrever.

— Só isso?

— Pintarás um amor louco, desesperado, furioso — tal é o assumpto — e arranjarás isso de modo que fique o nome — Leocadia — em acrostico, porque é della que se tracta.

— Então tu a amas muito?

— Estou louco por ella. Eu mesmo teria tentado fazer o trabalho que te confio: mas como dizem que ella entende um pouco disso, e como no collegio, onde tentei, por duas ou tres vezes fazer uma quadra, nunca pude passar do primeiro verso, porque a rima me atrapalhava o seguimento do segundo, preferi encarregar-te desta obra. Copiaste propriamente o teu chefe d'obra, porêi o meu nome por baixo, e tenho presentimento que alcançarei vantagem. Sou muito tólo por me não haver lembrado disto ha mais tempo. Sobretudo, não penses em trahir-me.

— Pelo amor de Deus! Mas para amanhã, pela manhã, é muito cedo.

— Ora! dizem que Mery faz cento e cincoenta versos por hora: tu, portanto, podes muito bem fazer trinta em uma noite.

— Nem todos são Mery.

— Ora, bem o podes fazer. Demais, eu te trarei o jantar. Dizem que o champagne é o Hypocrene dos nossos poetas de hoje, e se só é preciso isso para te inspirar, terei amanhã pela manhã, uma epopéa em vinte e quatro cantos.

Deve-se confessar que Frederico lhe havia

tocado no fraco. Prendeu Edmundo pela vaidade e pela glotonice, duas cordas muito sensiveis dos senhores rimadores.

VII.

No dia seguinte pela manhã, Frederico estava á sua escrevaninha transcrevendo em papel asselinado e perfumado de ambar uma pequena poesia que lhe parecia mui bella, porque estava toda cheia dos mais incomprehensiveis palavras, que jámais se pôde amontoar. Vaporoso e extravagante, nuvens e volções, Lamartine e Brébœuf — Bignan não a teria feito melhor.

O' poesia! lingua dos deoses, — é provavelmente por esta razão que os fracos humanos tão pouco te comprehendem: tu immortalisaste Beatriz por Dante, Eleonor por Tasso, Elvira por Lamartine, etc. etc.; Apollo, ao som da sua lyra divina, sedusiu por si só maior numero de nymphas do que o conseguirão simultaneamente o capacete emplumado de Marte e a chuva de ouro de Jupiter. Eis ahi porque, sem duvida, Leocadia, até então tão ativa, se inclina toda abstrac-ta sobre uma pequena folha de papel azulado, que lê, e relê tantas vezes, que deve ter uma memoria bem ingrata se já o não sabe de cór á muito tempo.

E' que na sua qualidade de excentrica, toda a sua phantasia havia sido vér o seu nome rimado.

Ora: dizia-se-lhe no fim de uma strophe:

As flores têm seu perfume,
As aves o ninho seo,
Os montes têm os seus bosques
E um sol um immenso céo....

Mas teu coração, teu amor,
O' Leocadia sem igual,
Serão para a minha vida
Como uma aura divinal.

Em lugar de uma rima, tinha ella duas. Nunca tinha ella sido cantada em tão alto tom: nunca um elogio lhe havia parecido tão lisongeiro: e, na verdade, creio bem que:

Como uma aura divinal.

Que ha de comparavel a isto?

Emfim, conservamos preciosamente estes versos em nossa memoria, para os citar na occasião a quem negar a influencia poetica do champagne.

O arrasoado é curto, mas peremptorio.

Todo este brilhante emphasis foi muito apreciado. Leocadia que havia resistido a todas as seducções, não pôde conter-se contra uma paixão tão agradavelmente rimada, e seu coração tocou a rebate ante o alexandrino.

Se Deus é impenetravel em seus decretos, devemos confessar que as mulheres nao o são menos em seus caprichos.

VIII.

Leocadia começou, pois, a amar Frederico, mas não lhe o dizia, e o deixava em uma cruel incerteza. Apenas recebia as suas visitas, e supportava sem muito escarneo os seus impetos anacreonticos.

Os versos não são mal: mas Leocadia queria alguma demonstração mais energica: ella media a paixão em razão do romanesco que tinha consigo; e um dia em que elles divisavão amor, a proposito de não sei que romance tragico, como era muito moda nessa época, escapou a ella o dizer-lhe que nada lhe parecia no mundo tão sublime como um homem que se mata pela mulher que ama.

Havia em uma declaração tão sanguinaria, bastante com que fazer recuar ao mais bravo: mas Frederico, que pouco a pouco tinha chegado a decifrar o enigma do coração da sua adorada, não se atterrou, e contentou-se em levantar os olhos para o céu, e apôiar a mão sobre o coração, gesto pathetico que exprimia melhor do que as palavras a sua opinião sobre o intervalo amoroso preconizado pelos nossos escriptores.

As palavras de Leocadia tinham sido para elle um raio luminoso, que lhe mostrou a maneira de acabar com a sua insensivel.

IX.

Dous dias depois, em uma bella tarde de junho, Leocadia e Frederico passeiavão juntos ao longo do Doubs, pelo caminho do reboque, ao qual se desce por um pequeno trilhão que communica com a Porte-Taillée. Estavão elles sós—Leocadia nada fazia — como todos, e o espectaculo da bella natureza, mais seductor ainda pelo mais poetico effeito do sol no occaso, foi elevando gradualmente a conversação ao gráu mais apaixonado.

Os passaros cantavão entre a ramagem; a agua corria com um murmúrio melancolico e distraído; os ultimos raios de luz douravão o cume do monte de Brigisse, e guarnecião com uma cor purpurea a verde folhagem das vinhas que lhes guarnecião os lados; uma brisa suave e fresca fazião ondular os cabellos annelados de Leocadia, e os atirava até aos labios de Frederico. Nunca a natureza offereceu ao amor uma scena mais sumptuosa e seductora.

— Então nunca me amareis? perguntava Frederico pela centesima vez.

— Estou bem livre d'isso, respondia Leocadia. Os homens não vêem no amor mais do que uma palavra.

— Mas eu?

— Vós nem uma.

— Que quereis dizer?

— Tendes contra vós um bem triste passado.

— Não confundaes o amor, Leocadia, com a embriaguez da idade e dos sentidos, que se experimenta aos vinte annos, mas que dura pouco. Desde que vos amo, (e não ha ja muito tempo) fiz a differença destes dous sentimentos. Junto

de qualquer outra mulher eu sentia o sangue agitado e o coração frio; mas junto de vós, só o meu coração palpita, e é a minha alma inteira que vos falla por minha voz.

— Quem m'o garantirá?

— O meu amor.

— E qual é a garantia do vossq amor?

— O meu coração.

— E se elle vos representassé o máu papel de ser, agora como sempre, o cêho da idade e dos sentidos?

— Mas que prova quereis então da verdade de minha paixão? E' esta a questão que vos proponho ha seis mezes, e á qual nunca me respondeis.

Então, depois de um momento de silencio.

— Dizei-me que me amais, Leocadia: dizei-m'o: ou não respondo pelo que fizer.... Dizei-me que me amaes, ou suicido-me! Viver assim é soffrer muito.

Pronunciando estas palavras, Frederico se havia ajoelhado, e apertando em suas mãos-as mãos de Leocadia, implorava-a com um olhar fatal. Esta repentina posição a tinha commovido, mas ella recobrou bem depressa o seu sangue frio.

— Suicidar-vos? Ora vamos!... E' uma palavra de que todos se servem.

— Mas que alguns realisão.

— Talvez: mas que vós, seguramente, não tentariéis.

— Amais-me?

A esta ultima pergunta, enunciada peremptoriamente, Leocadia empallideceu um pouco, e olhou para Frederico — mas não lhe vendo nas mãos a pistola de Werther nem o punhal de Antony, julgou-se sempre a tempo de impedir uma desgraça; e, levada por um instinto de curiosidade que não pôde dominar, respondeu abaixando os olhos—Não, Frederico.

E' verdade que nesta ultima palavra havia uma accentuação que queria dizer — *sim* — em todas as suas letras. Mas Frederico não a comprehendeu.

— Pois bem! Adeus para sempre, exclamou elle.

Depois, antes que Leocadia tivesse tempo de dar um passo ou de dizer alguma palavra, tinha lançado o seu chapéo ao chão e lançado-se no Doubs.

Leocadia não tinha visto pistola nem punhal, mas não tinha contado com o rio.

A agua pacifica do Doubs, agitada por um instante pela queda de Frederico, deixou subir á superficie algumas bolhas, e tornou a ficar tranquilla.

Realmente seria preciso que fossemos faltos de toda a especie de sentimento dramatico para não deixar o leitor na sua pathetica incerteza sobre a sorte do nosso heroe. Uma semana de emoção é uma coisa muito apreciavel, e porisso guardamos a continuação desta interessante historia para o proximo numero.

(Continua.)

VARIÉDADE.

OS OLHOS HUMANOS.

(Continuado do n.º 48.)

EXPRESSION DOS OLHOS.

VIII. Esperança e temor.

Na expressão da esperança descobre-se um certo ar vital, que salta nos olhos suspensos. As palpebras, as sobrancelhas, bem como as outras partes do olho, tem um aspecto franco e disposto a mudar-se do grave em o alegre, e do alegre em grave, á proporção que a doce esperança se aviva com um novo raio, ou se enfraquece com alguma desconfiança repentina.

O temor, pelo contrario, estende uma nuvem sobre aquella elasticidade da vista agitada, e repentinamente enruga as partes do olho, as sobrancelhas contraem-se, e a fronte, suave com a esperança, enruga-se sem o temor. As palpebras fechão-se insensivelmente, e os olhos parecem que querem occultar-se nas suas orbitas; até que, a um inesperado alarma, desfaz-se a nuvem que os cobria, e mostrando-se com novo impulso, se fixem no objecto tímido com uma vista frenética.

IX. Satisfação e enojo.

Quando uma pessoa está na posse de seus desejos, olha do throno do seu contentamento com um ar adormecido, mostrando que a alma não tem que temer, nem mais que desejar, em uma palavra, que está satisfeita. Este ar de satisfação exprime-se em toda a sua perfeição nos olhos do aldeão, não acostumado á dissimulação, alheio ao artificio, e que não tendo mais do que um desejo, de ordinario, ao alcance de sua situação e pretensões, quando chega a possuil-o está verdadeiramente satisfeito, porque é completamente feliz; mas, civilisado o cidadão, tem outros objectos de satisfação, que apesar de doces á alma, são menos vivos porque não estão concentrados, acha-se satisfeito na integridade do seu coração, em ter alliviado o opprimido, soccorrido o patriota desterrado, amparado a viuva e protegido o orphão, tudo isto o enche de satisfação; contudo, desejando ainda fazer mais bem ao seu proximo, e fazendo-o como por obrigação religiosa, não exprimem seus olhos a satisfação daquelle que nada tem mais que desejar, nem deseja possuir mais.

O enojo, paixão condemnavel, porque suffoca toda a virtude, desfigura todo o semblante, e não parte do olho e suas dependencias que não indique o sacrificio da razão; as palpebras violentão-se, a testá enche-se de pregas, os olhos se desencanaixão, o seu olhar é obliquo, e o aspecto torna-se horrivel. Nada póde dar uma idéa mais

appropriada da expressão do enojo, do que a fronte e olhar da hyena ou do cão curavecido ao ver um mendigo.

X. Intelligencia e estupidez.

A expressão da intelligencia consiste em uma luz, que sabindo da alma se espalha por todo o rosto. As sobrancelhas estão um pouco cahidas, indicando pensamento, a pupila brilhante, e o branco do olho polido, indicando ordem e temperança; o movimento de cada feição é firme e sereno, indicando razão e juizo, e finalmente uma disposição a sorrir indica a urbanidade e boa criação. Que fascinante não é o rosto presenteiro de uma mulher bem educada, sensível e intelligente, comparado com a formosura insípida de uma mulher ignorante, ou a tosca seriedade de uma aldeã?

A estupidez acha-se expressada nos olhos vivos e lerdos do idiota, e se olhando de travez se sorri sompomentamente, fica confirmado o caracter de pateta. Olhos pesados, e ao mesmo tempo cheios de cuidados imaginarios, sem cousa alguma razoavel, denotarão o louco pacifico, porém se as palpebras estiverem torcidas, e o branco do olho com raios encarnados, o olhar fixo com a pupila centelhando, será prudente evital-o porque é doudo rematado, e não se deve ver nelle fiar.

Os physiologistas estendem mais a lucta das paixões, expressadas pelos olhos por si sós ou auxiliados com as demais feições; porém se é difficil definir com palavras appropriadas aquellas paixões, das que cada uma occupa a alma, quanto mais difficil não será descrever aquellas em que ha tantos lenimentos misturados? Esperamos que nossas leitoras ficarão satisfeitas com as dez classes paralelas que temos mencionado, e que desculparão a demasiada extensão deste artigo sobre os olhos, que se podem considerar como o monarcha de todas as feições, e o soberano dos demais sentidos.

(Instructor.)

A'S NOSSAS ASSIGNANTES.

Não nos sendo possivel dar hoje a — Descrição da Estampa — em consequencia de terem sabido muito tarde, da Alfandega, os figurinos, o faremos no proximo numero; e do que pedimos desculpa.

Acompanha este n.º 49 una estampa n. 417 com figurinos de baile e phantasia.

